

## **ENSINO DE ARTE: inferências sobre a prática docente**

*ART TEACHING: inferences about teaching practice*

**Leonardo Pereira Maia**

Licenciado em Desenho e Plástica pela Escola de Design da UEMG,  
Especialista em História da Arte pela PUC Minas, Mestre em Artes pela UFMG

E-mail: [leoaiam@yahoo.com.br](mailto:leoaiam@yahoo.com.br)

 ID LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2633590347267786>

**RESUMO:** O Ensino de Arte no Brasil revela-se desafiador pois suscita reflexões acerca das práticas docente. Os arte-educadores tem uma preciosa ferramenta nas mãos: a liberdade de transitar por um conteúdo que abarca diversos saberes, possibilidades diferenciadas e uma gama enorme de metodologias que conduzem à aprendizagem artística. No respectivo artigo, tal posicionamento teórico conduz à reflexão e análise sobre as possibilidades e métodos que poderão ser empregados no cotidiano escolar, sobretudo no ensino de Arte voltado ao público infantojuvenil, trazendo exemplificações de práticas artísticas desenvolvidas em escolas da Região Metropolitana de Belo Horizonte, apontando contribuições advindas das propostas pedagógicas realizadas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Arte-Educação; Práticas Artísticas; Ensino/Aprendizagem de Arte.

**ABSTRACT:** The teaching of Art in Brazil is challenging because it raises reflections on teaching practices. Art educators have a precious tool in their hands: the freedom to move through content that encompasses diverse knowledge, differentiated possibilities and a huge range of methodologies that lead to artistic learning. In the respective article, such theoretical positioning leads to reflection and analysis on the possibilities and methods that can be used in everyday school life, especially in the teaching of Art aimed at children and youth, bringing examples of artistic practices developed in schools in the Metropolitan Region of Belo Horizonte, pointing out contributions arising from the pedagogical proposals carried out in the classroom.

**Keywords:** Art Education; Artistic Practice; Teaching/Learning of Art.

### **Introdução**

A disciplina de Arte possui uma área de atuação muito vasta, possuindo campos com grande especificidade, sendo possível abordar em uma mesma linguagem, como as Artes Visuais, por exemplo, diversos assuntos e formas de expressão. Nesse sentido, tanto o ensino como a pesquisa dentro deste contexto necessitam de novos paradigmas para a consolidação do conhecimento neste espaço.

Segundo Pimentel (2014), “a Arte está em constante fluxo de formas, materiais, temáticas e conceituações que refletem o pensamento humano com seus conflitos e prazeres, suas incongruências e convergências” (PIMENTEL, 2014. p.17). Nesta certeza, pensar no processo de ensino/aprendizagem em Arte no ambiente escolar em geral, refletindo sobre as imbricações e as

possibilidades que a circundam é dar luz às questões próprias desta disciplina, trazendo reflexões e possibilidades para os diversos aspectos desta área de conhecimento que perpassam as experiências cotidianas dos educandos.

O conhecimento da história do ensino/aprendizagem de Arte e sua possível análise pode ajudar a compreender a realidade do presente e arquitetar melhorias para o futuro. Um olhar analítico e avaliativo sobre as diversas metodologias de ensino/aprendizagem de Arte se torna imprescindível, trazendo contribuições para a dinamização do processo de ensino/aprendizagem. Conforme Mir (2009), a Arte Educação abriu mão da inovação com o intuito de atender aos cronogramas institucionais, reproduzindo programas muitas vezes distantes do interesse do alunado, sem criar conexões com o universo desses jovens, sem suscitar questionamentos que envolvam a criação artística.

Para transpor essas questões que envolvem o ensino de Arte é necessário levantar reflexões que abrangem dimensões além dos muros que delimitam o ensino formal, analisando a atuação da arte nos processos que possibilitam o desenvolvimento do ser humano, que contemplem sua formação cultural e estética. Importante se faz compreender a importância desta disciplina, transpondo posturas arcaicas que ainda persistem no que concerne a essa área de conhecimento, proporcionando metodologias que agucem as funções perceptivas, emocionais e cognitivas através das experiências estéticas desenvolvidas no ambiente escolar.

Assim, ao apontar exemplos de atuações neste campo de conhecimento ocorridos com alunos do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Salgado Filho em Belo Horizonte/MG e da Escola Municipal Leonardo Sadra em Contagem/MG, refletindo sobre as práticas pedagógicas oriundas desta disciplina, registrando as possibilidades de trocas de informações entre docentes e alunos e relacionando os ganhos destas experiências para o processo educacional deste alunado, poderão nortear as propostas de ensino que poderão ser construídas em outros ambientes escolares, adequando-os, se necessário, ao contexto local em que se pretende elucidar e estruturar tais ações.

Essas vivências proporcionadas a este público escolar, segundo Araújo e Oliveira (2015), poderão angariar conhecimentos e crescimento a estes indivíduos, conferindo o desenvolvimento de habilidades que poderão acompanhá-los por suas vidas. Reitera Bauman (2005) que é nesta fase única da existência humana que a formação social e histórica pode contribuir de forma significativa para a construção de cidadãos com visões mais amplas acerca da sociedade em que vivem e, neste sentido, é sabida as potencialidades que a Arte pode alcançar.

### **Metodologia**

A pesquisa vincula pensamento e ação, fazendo dos problemas apontados na vida prática um questionamento de ordem intelectual e conseqüentemente busca soluções e hipóteses para solucioná-las. A pesquisa a ser realizada é descritiva, explicativa e experimental servindo-se das práticas metodológicas que poderão compor o cotidiano escolar de qualquer instituição de ensino distinta dos exemplos que aqui serão citados. De cunho qualitativo, esta pesquisa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2015. p.21) imbricados nas práticas da arte-educação no contexto educacional das escolas. As dimensões humanas aqui apontadas fazem parte da realidade social em que vivem esses jovens, compondo seu modo de agir e pensar na relação com seus pares.

A produção artística escolar, os trabalhos e pesquisas realizadas no dia a dia pelo público infantojuvenil do Ensino Fundamental II de duas escolas presentes da Região Metropolitana de Belo Horizonte aqui descritas, se tornam objetos de estudo deste artigo, resumindo o mundo da representatividade, da intencionalidade através dos registros, aprofundando no mundo dos significados, da linguagem e dos símbolos.

Conforme aponta Pimentel (2014) essa

“pesquisa tem como objeto uma ação em que o próprio pesquisador está atuando, o registro tem que ser feito de várias maneiras: escrito, com anotação do planejamento e da memória das ações, gravado e filmado, para análise posterior às anotações”. (PIMENTEL, 2014, p. 17)

Quanto à metodologia, esse trabalho opta pelo método indutivo que, segundo Minayo (2007), parte de pequenos conjuntos como as atividades escolares cotidianas para grandes generalizações ao abranger ligações que envolvam outros contextos além dos limites da escola, sendo também comparativa e histórica, tendo como procedimento tecer uma correlação entre a prática escolar e o processo de ensino/aprendizagem em arte, construindo reflexões acerca dessas práticas pedagógicas. Consultas a fontes de referências bibliográficas também serão ferramentas importantes para maior compreensão do tema e da problemática levantada para o estudo pretendido.

### **O Ensino de Arte: ponderações, imbricações e possibilidades na prática cotidiana escolar**

A educação escolar na contemporaneidade depara-se com grandes desafios de diferentes naturezas, onde a escola tornou-se ponto de reflexão em vários aspectos, urgindo mudanças e possibilidades de novas discussões. Neste ambiente os educandos buscam sentidos para suas vidas e a escola pode contribuir para a formação destes indivíduos de forma singular. Abramo (2005) ressalta que a instituição escolar pode tornar-se um local onde os indivíduos criam e recriam sua identidade. Contudo, para Correa (2011), muitas vezes a passagem dos alunos pela escola não condiz com a expectativa gerada por esses sujeitos.

Diante dessas afirmações, surgem as seguintes imbricações: como o Ensino de Arte presente neste contexto pode auxiliar no processo educacional de formação humana? Como a construção de saberes relacionados ao mundo pode ser edificada através da arte-educação? Embora vivamos em uma sociedade que valoriza os saberes matemáticos e os conhecimentos relacionados à língua vernácula, é relevante repensar: como se tem dado o ensino que valoriza a estética, a educação do olhar, da apuração do gosto, da fruição criativa e edificante?

Em muitas realidades deparamos com uma visão míope e até mesmo pejorativa em relação ao ensino de arte, sendo delegado a este um papel minoritário diante das demais matérias escolares, ocupando apenas uma parcela mínima no quadro de horários. Em determinados locais é vista por alguns como desnecessária, sem importância, indigna de emitir conceitos e avaliações, sendo delegada a ela apenas a função de decorar os festejos, datas comemorativas, os eventos educacionais... subordinando esta área de conhecimento às demais disciplinas. Em alguns contextos é recorrente a queixa dos professores de arte diante das realidades impostas à disciplina no ambiente escolar.

Nesse sentido, Wilder (2009) reitera que a escola precisa enxergar a Arte com a mesma importância com que vê as linguagens escritas e matemáticas. Para ele as artes são um horizonte de conhecimento que abarca em si várias linguagens expressivas e todas estão entrelaçadas, dando formas e presença à ideais e emoções.

Para atingir esse anseio faz-se necessário incrustar a ideia de que a arte é uma disciplina de corpo teórico e prático, que prepara os indivíduos para uma leitura mais abrangente de mundo, tornando palpável o sensível e estético que permeiam as dimensões humanas. Os sujeitos necessitam ser preparados para conceberem esta proposição. É como uma terra que necessita ser arada e preparada para o cultivo.

Os discentes, na maioria das vezes, chegam “crus”, inertes às experiências estéticas propostas nas salas de arte, embora imbuídos de pré-conhecimentos, preconceituosos ou não, acerca das práticas artísticas na escola. É nesse sentido que Cauquelin (2005) ressalta ser necessário

educar os indivíduos para que transitem pelas artes. A escola precisa transpor as barreiras estabelecidas para a educação básica, indo além daquilo que lhe é proposto, tornando o ensino cada vez mais efetivo, proporcionando um espaço saudável para a construção e reconstrução dos saberes. Nesta perspectiva é possível fazer da disciplina de Arte um canal condutor para um aprendizado prazeroso, construtor e ao mesmo tempo libertador dos paradigmas já impostos pelos modelos da educação tradicional e metódica, conduzindo, segundo Barbosa (1991), a uma necessária alfabetização cultural.

Nos parâmetros curriculares que regem a disciplina “Arte”, está presente a proposta triangular que visa a contextualização, a fruição e a apreciação artística. Sendo assim é preciso que as práticas escolares proponham aos alunos a experimentação de técnicas, a criação, assim como o conhecimento do contexto em que as várias obras feitas durante a história estão inseridas, proporcionando o conhecimento dos diversos artistas, tendo ciência de suas vivências e experimentos. Toda essa prática auxiliaria no processo de alfabetização cultural necessário no ambiente escolar.

Os alunos que se encontram na escola, em sua maioria, carregam certa experiência artístico-estética. Muitos já se expressam através do desenho, outros possuem conhecimentos da técnica do grafite, principalmente aqueles alunos que estão inseridos em comunidades onde há presença de oficinas que ofertam aprendizagem nesta área. Há também aqueles alunos que já experimentaram a pintura, seja em tecido ou até mesmo em tela, dominando o uso das cores, a criação de nuances e matizes. Há também aqueles, embora poucos, que tiveram experiência com a escultura em seus diversos meios de expressão. O avanço da era tecnológica proporcionou maior facilidade de acesso às criações audiovisuais, permitindo o contato do alunado com técnicas como a fotografia, a criação, edição e montagem de vídeos.

Essas vivências artísticas também passam pelos demais campos da Arte: comumente os alunos trazem consigo conhecimentos na área da Dança, da Música e do Teatro, saberes adquiridos nas instituições que participam ou em cursos livres, oferecidos em centros de formação, público ou particular. Essa bagagem imbuída nas experiências do alunado precisa ser explorada nas aulas de arte, aprimorando o senso estético intrínseco nas vivências destes alunos. As propostas pedagógicas feitas pelo professorado poderão provocar e explorar as múltiplas capacidades dos discentes. Para isso, ponto relevante seria a sondagem destas habilidades e buscar instigá-las nas práticas realizadas em sala de aula, buscando diálogos e aproximações entre o universo artístico e esses jovens.

O “aprender a ver” também deve ser trabalhado nas aulas. Para isso, é de importância proporcionar o contato com as diversas manifestações artísticas, ampliando o leque de experimentações e fruição desses jovens.

Assim cabe ao docente pensar nos meios viáveis em sua proposta de ensino que contemplem essa dimensão, criando assim possibilidades deste contato com as diversas expressões artísticas. Dewey (2010) relata que as obras de arte são meios que nos introduzem nas outras formas de pensar o mundo. Essa afirmação reforça a necessidade de alinharmos a formação desses alunos com a educação estética tendo o intuito de melhor prepará-los para maior compreensão e relação com o macrocosmo do qual fazem parte.

Barbosa (1991) reitera que as aulas de arte são uma necessidade nas dimensões do ensino, sendo ela não apenas desejável, mas socialmente necessária. A arte desenvolvida na escola é uma forma de estimular o fazer artístico e sua apreciação nas diversas camadas da sociedade. Diante desta importância do ensino de Arte frente aos demais conhecimentos e ao analisarmos nossa sociedade contemporânea, Dewey (2010) descreve que na atualidade as artes são separadas, isoladas e não constituem as experiências cotidianas. Desta forma, a sociedade fica com o gosto menos estético.

Essa constatação de Dewey ressalta que se a educação para as artes fosse mais valorizada e efetiva na formação dos indivíduos, teríamos cidades mais agradáveis para se viver, objetos e

produtos mais elaborados esteticamente, o que tornaria as experiências mais artísticas e harmônicas. Essa ótica reforça a necessidade de pensar na urgência da valorização do ensino de Arte no currículo escolar. As práticas artísticas revelam aptidões escondidas, despertam interesse e instigam os olhares ávidos em busca da beleza, da fruição, da criatividade, o que influenciaria em várias esferas da construção social.

Ao educador cabe a proposta de ir além daquelas práticas já consagradas, mostrando ao educando que existem novas possibilidades nas representações artísticas e que precisam ser experimentadas, valorizadas em sua diversidade.

Outro ponto relevante para o Ensino de Arte é proporcionar conhecimento aos alunos sobre as manifestações artísticas regionais presentes na diversidade cultural brasileira. O Brasil abarca em si uma gama de manifestações artístico-culturais, riqueza esta proporcionada pela nossa formação étnica durante a história. Neste viés, pode-se trabalhar a Arte como fruto da cultura, como atributo inserido nas práticas e relações cotidianas. Cauquelin (2005) reitera que a Arte é a forma mais fiel de falar das sociedades, visto que os objetos presentes nas civilizações sustentam suas memórias. Esse contato com essas obras pertencentes a culturas distintas servirá como meios para introdução destes jovens nas outras maneiras de pensar e ressignificar o mundo.

Dewey (2010) ressalta, porém, a necessidade de se ter certa cautela ao apresentar a arte sobre esta visão, tomando cuidado para que as obras não sejam reduzidas a simples documentos históricos. Esta contextualização é necessária, pois é capaz de produzir sentidos na vida de quem observa.

Barbosa (1991), em sua proposta triangular, descreve a necessidade da contextualização no ensino de arte. A leitura das obras necessita de contexto para ultrapassar a simples apreensão dos objetos. Assim, apresentar a conjuntura na qual está inserida determinada produção artística, contextualizando as mesmas, é uma forma de se obter bons resultados para as práticas educacionais no ambiente escolar.

Nessa tangente, outro desafio se revela quando ocorre o contato com as artes próprias da contemporaneidade e, comumente, o professor poderá se deparar com esta realidade, seja através de sua prática pedagógica ou através de experiências trazidas pelo alunado. O caráter excêntrico típico das formas contemporâneas de criar e de pensar arte, sua diversidade de materiais e seu conceito como obra artística são pontos que urgirão reflexões e pode carecer mediações por parte do educador.

A busca pela ruptura com os paradigmas da Arte, conforme Cauquelin (2005) é um traço marcante na Arte Contemporânea e, por vezes, esta característica causa certo espanto ao público estudantil, assim como o deslumbre por parte de alguns. A estranheza e não muito distante a admiração, são inevitáveis. Por estar inserida no contexto como a maioria da sociedade em geral, a crítica juvenil acerca destas obras é conduzida para o lado negativo e na maioria das vezes, sem um julgamento conciso e embasado. Assim, é de grande importância proporcionar este contato com intuito de construção de familiaridade do público juvenil com a diversidade de expressão no universo artístico.

Dewey (2010) diz que a arte é o meio mais eficaz na comunicação do homem com ele mesmo, a forma mais precisa de sua interação com a realidade e o mundo. Essa concepção poderá auxiliar nas mediações a serem construídas entre os educandos e as obras artísticas e o docente poderá construir conexões entre o indivíduo, o conhecimento de arte, as expressões contidas nesta área e a interação com as práticas artísticas.

Na realidade escolar muitos alunos não tem conhecimento da arte que os circunda, do que é produzido em sua cidade, em sua região. A educação é uma das melhores formas para estimular esta consciência cultural. Diante disto, outra possibilidade para o ensino e aprendizagem em Arte seria apresentar as manifestações artísticas regionais buscando valorar a cultura onde o educando está inserido, conduzindo-o a conhecer suas raízes, perpetuar as tradições e saberes de seu povo.

Como exemplo, em uma experiência docente, realizando atividades artísticas como escultura em madeira com os alunos da Escola Municipal Leonardo Sadra na cidade de Contagem/MG, muitos destes pertencentes a uma comunidade quilombola local conhecida como Arturos, foi percebido em algumas falas desses educandos a necessidade de um olhar diferenciado para as manifestações artístico-culturais próprias do alunado. Os descendentes desse povoado ainda mantêm algumas práticas de seus ancestrais como o benzimento, festejos, Congados...

Contudo, em diversas ocasiões, em suas falas, esses jovens sinalizavam como as demandas impostas pela contemporaneidade tiravam destes o sentido de pertencimento à comunidade tradicional ao qual faziam parte, ficavam envergonhados, não se achavam responsáveis por manter suas tradições e perpetuar a memória de seu povo. Diante deste contexto surgiram os seguintes questionamentos: como o ensino de Arte poderia participar desse resgate de memórias, desse sentimento de pertença, minimizando a realidade do esquecimento imposta às comunidades tradicionais? Como as práticas artísticas como imagens fotográficas, pintura, desenho, a dança e a musicalidade podem servir como resgate identitária das comunidades, servindo de veículo para perpetuar suas tradições?

Infelizmente, por força maior, não foi possível realizar alguma proposta pedagógica voltada para a temática afro-brasileira com essa comunidade escolar, mas tais questionamentos servirão e ainda servem como provocações para serem aplicadas em tantos outros contextos.

Em consonância com a Lei 10.639, publicada em janeiro de 2003, as aulas de arte podem ser meios nos quais os alunos possam aprender sobre os ancestrais africanos, sua cultura e história. Geralmente, no meio escolar, pode-se encontrar alguns empecilhos para trabalhar essa temática como preconceitos religiosos das pessoas que ali se encontram, a falta de formação do professorado para a abordagem deste tema e outras lacunas que dificultam a colocação desta lei em prática em sua totalidade.

O espanto inicial de muitos alunos ao entrar em contato com formas de representações artísticas que diferem daquelas que estão presentes em seu cotidiano, assim como a associação da arte à religião destes povos é de fato curiosa. Alguns desses jovens desconhecem as tradições de suas raízes, tendendo até mesmo à negação destas memórias. As propostas pedagógicas que contemplam esse conhecimento poderão aos poucos criar sentido a estas práticas, proporcionando aos educandos a identidade de seres inseridos na cultura, criando analogias, concretizando a consciência de pertencimento, de liberdade de expressão.

Diante das provocações suscitadas e sendo nítida a percepção deste mesmo contexto entre os jovens da Escola Municipal Salgado Filho em Belo Horizonte, surgiu a proposta que envolvia Arte e as demais disciplinas em um projeto interdisciplinar, abordando a temática afro-brasileira em suas múltiplas dimensões, sendo este outro exemplo da discussão aqui tecida.

Em formato de Feira Cultural, as turmas foram divididas e ambientaram as salas expondo os trabalhos desenvolvidos em consonância com o tema proposto. Uma das propostas desenvolvidas nas aulas de Arte foi a reprodução de máscaras africanas, feitas em papel e guache. O processo envolveu pesquisa, socialização e aplicação de técnica, abarcando a proposta triangular já citada neste texto. Posteriormente, após término do trabalho, estas máscaras foram expostas pelos corredores da Escola, compondo o cenário do dia definido para a culminância da proposta pedagógica. Para o fechamento dos trabalhos, foi organizado com os jovens um desfile valorizando a estética e a arte afro-brasileira, embalados ao som de tambores e cantos afros, seguidos de mensagens com palavras de ordem que evocavam a conscientização em relação à cultura negra.

O envolvimento da maioria dos educandos, a curiosidade e a euforia tomaram o espaço que outrora estava ocupado pela timidez, por conceitos pré-estabelecidos, pela falta de conhecimento de uma cultura tão rica, componente de nossa matriz cultural brasileira.



Figura 01. Desfile Afro Escola Municipal Salgado Filho – BH. 2014. Fotografia.



Figura 02. Desfile Afro Escola Municipal Salgado Filho – BH. 2014. Fotografia.



Figura 03. Exposição de Máscaras Africanas - Escola Municipal Salgado Filho – BH. 2014. Fotografia

Outra dimensão pertinente a ser explorada nas aulas de Arte é a educação patrimonial, visto ser uma forma de preservar a memória da cidade e tudo aquilo que a representa. Yunes (2012) define como patrimônio cultural tudo aquilo que é formado por bens de natureza material e imaterial, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores de uma sociedade.

Neste sentido, Froner (2007) afirma que todo esse universo material e artístico serve então de referência na produção do conhecimento da história de um povo. Daí a necessidade de que a ideia de preservação dos bens culturais ocupe o espaço que é seu na consciência da população, sendo uma pauta a ser discutida também nas escolas, nas rodas de conversas decisórias dos gestores patrimoniais, para que políticas públicas que visam à preservação e conservação dos bens de uma cidade sejam efetivadas e mudem o quadro atual de incipiência e descaso.

Para Leite (2005), a educação não pode ser dissociada da cultura. Sob esta ótica, valorizar as manifestações culturais locais, suas linguagens e expressões artísticas, seu artesanato e monumentos, são ações fundamentais que podem ser exploradas nas aulas de arte, enriquecendo as práticas no processo de aprendizagem. Uma proposta interessante é fazer este estudo através do registro fotográfico. Após embasamento teórico, sobre a necessidade da preservação da memória através dos bens materiais e imateriais, os alunos são convidados a pesquisarem sobre o patrimônio existente em sua cidade. Os mesmos devem registrar através da fotografia, estes elementos. Esta prática, além de conduzir ao conhecimento de sua história, reconhecer sua identidade... ressalta o sentido da preservação, inclusive do patrimônio artístico que sofre tantos danos em nosso país.

O uso da fotografia pode ser uma proposta bem apreciada pelos educandos. Comumente vemos os jovens usando dispositivos fotográficos presentes nos celulares e demais aparelhos eletrônicos. É um traço característico da sociedade contemporânea, são os nativos digitais, aqueles que já nasceram inseridos num contexto de avanços tecnológicos. Pescador (2010) ressalta que no ambiente escolar, os alunos - nativos digitais - apresentam traços característicos dos seres que vivem inseridos neste contexto. Estão conectados a todo o momento partilhando suas vivências cotidianas, através de fotos, chats,... A esta geração cabe a provocação de enquadrar-se em um modelo tradicional de ensino, visto que este nem sempre corresponde às suas expectativas tecnológicas.

A geração a qual pertence os professores, em sua maioria, já experimenta o desafio de imigrar-se para o contexto em que as inovações tecnológicas podem servir de aliadas para tornar as aulas mais atrativas e adaptadas aos recursos disponíveis na contemporaneidade. O percurso destes professores, no caso de Arte, certamente influenciará suas práticas como docentes. A experiência adquirida, tanto como aluno ou como artista, contribuirá para um maior enriquecimento das aulas.

Independentemente do nível socioeconômico, por mais precário que seja o ambiente escolar, sempre haverá algum recurso tecnológico que poderá servir de auxílio para a experimentação da arte neste meio. Se por um lado a tecnologia proporcionou a velocidade, sanando as demandas da vida contemporânea, por outro ela pode contribuir para alijar os seres do convívio através de relações mais afetivas e humanas, tornando os contatos mais informais, distantes, mecânicos... As práticas artísticas podem contribuir para criar mais sensibilidade nas interações humanas.

As visitas de campo e a ida aos Museus são práticas que poderão dar grande contribuição aos conhecimentos artísticos. Sair do ambiente escolar e ir ao contato de obras artísticas em sua originalidade auxiliará na lógica da fruição das obras de maneira mais didática. Padiglione (2012) corrobora essa visão ao afirmar que o museu tem a capacidade de reler o passado, reescrever a história, descontextualizar e ressignificar objetos, despertando no indivíduo o desejo de resgatar não somente a história em geral, mas a sua história pessoal. Os museus estão carregados de significados e coisas que contam e remontam a história da humanidade, auxiliando na visão crítica do mundo, até mesmo acerca de seus bens.

Ademais, para Puig (2009), se considerar as obras de arte como objetos consumíveis, os museus contribuem para uma reflexão sobre a sociedade de consumo em geral, redefinindo-a, criando relações e também conciliando profissionais e visitantes de diferentes culturas. Segundo Ganzer (2005), o próprio trajeto até os espaços museais é de grande relevância, pois trazem elementos que vão contribuir para a construção de um novo olhar em relação ao mundo. A educação, desse modo, proporciona a mediação de saberes nos contextos propriamente escolares e

além dos seus limites, oferecendo perfis e reflexões sobre a subjetividade, a identidade, a coletividade e a cultura.

Outro ponto relevante dentro das proposições que concernem à disciplina de Arte é a exposição dos trabalhos produzidos em aula. Os alunos devem ser incentivados a construir um portfólio para a conservação de suas obras, visando à mostra dos materiais produzidos por estes. O ato de expor concretiza a postura de respeito diante da criação do outro, contribuindo para a tolerância e solidariedade frente às diferenças, reforçando a liberdade de criação de cada um. Conceitos estéticos podem ser explorados neste quesito, assim como o conhecimento da diversidade de expressão e a percepção do “eu” através das obras artísticas.

Memorável mencionar que todo esse processo é passível de avaliação, competindo ao professor encontrar as melhores formas para esse objetivo. O conhecimento e os saberes artísticos adquiridos podem ser mensurados utilizando diferentes abordagens. Esse conceito avaliativo poderá contribuir de forma significativa para a educação estética, visto que os alunos vivem em contextos estéticos e artísticos extraescolar, preparando estes indivíduos para o mundo em que habitam.

### Conclusão

O Ensino de Arte possibilita a construção de saberes relacionados à cultura e à sociedade em si. Despertar e aprimorar a capacidade estética do indivíduo, assim como educar seu olhar para que ele possa inferir e absorver seus saberes neste contexto é uma forma de habilidade que pode ser desenvolvida com as aulas de Arte. Esta importância deve ser mostrada e afirmada nas práticas cotidianas e consolidada no ambiente escolar. Os educandos não são apenas seres científicos, racionais... são dotados de anseios e conceitos que aspiram à estética.

Conforme fora apontado, exemplificando algumas possibilidades de práticas artísticas como o uso de novas tecnologias, a experimentação de materiais, e propostas pedagógicas que envolvam trabalho de campo permitindo a fruição de diversas manifestações artístico-culturais, o educador em arte pode utilizar dessas metodologias que visam ampliar horizontes, indo além da educação tradicional ofertada nas escolas.

A formação e a atuação docente tornam-se primordiais para alcançar tais objetivos, favorecendo a construção de um Ensino de Arte mais abrangente, possibilitando um olhar mais sólido sobre este campo de conhecimento.

### Referências

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 19-34.

ARAÚJO, Gustavo Cunha de; OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O ensino de arte na educação de jovens e adultos: uma análise a partir da experiência em Cuiabá (MT)** Educ. Pesqui.: São Paulo, maio. 2015. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022015000300679&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022015000300679&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em 17 de agosto de 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte**. ED. PERSPECTIVA. SÃO PAULO. 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. JANOWTZER, Rejane (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORREA, Lycinia Maria. **Entre apropriação e recusa: os significados da experiência escolar para jovens de periferias urbanas.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DEWEY, J. **Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010

FRONER, Yacy-Ara. **Dinâmicas Contemporâneas: o campo expandido da preservação.** In: 16 encontro nacional de pesquisadores de artes plásticas: dinâmicas epistemológicas. Curitiba, 2007.

GANZER, Adriana Aparecida. Turbilhão de sentimentos e imaginações: as crianças vão ao museu, ou aos castelos... In: LEITE, Maria Isabel e OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). **Museu, educação e cultura: encontro de crianças e professores com arte.** Campinas: Papyrus, 2005, p. 85-92.

LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel e OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). **Museu, educação e cultura: encontro de crianças e professores com arte.** Campinas: Papyrus, 2005, p. 19-54.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.

MIR, Carmen Lidón Beltrán. Educação como mediação em centros de arte contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social.** São Paulo: Unesp, 2009, p. 85-101.

PADIGLIONE, Vincenzo. O lugar onde todas as palavras se concretizam. Cinco presenças da escrita em pequenos museus etnográficos. In: CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles e NARDI, Letícia (orgs.). **Patrimônio cultural e cidade contemporânea.** Florianópolis: Editora UFSC, 2012, p. 33-48.

PESCADOR, Cristina M. **Tecnologias digitais e ações de aprendizagem dos nativos digitais.** In: V CINFE – Congresso Internacional de Filosofia e Educação. Caxias do Sul: UCS, 2010.

PUIG, Carla Padró. Modos de pensar museologias: educação e estudos de museus. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social.** São Paulo: Unesp, 2009, p. 53-70.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Ensino/Aprendizagem de Arte e sua pesquisa. In: ROCHA, Maurilio Andrade; MEDEIROS, Afonso (orgs.). **Fronteiras e alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade.** Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, 2014.

WILDER, Gabriela Suzana. **Inclusão social e cultural: arte contemporânea educação em museus.** São Paulo: Editora Unesp, 2009.

YUNES, Gilberto Sarkis. Uma ilha de paisagens culturais e espaços museográficos. In: CASTELLS, Alicia Norma González; NARDI, Letícia. (Orgs.). **Patrimônio Cultural e Cidade Contemporânea.** Florianópolis: UFSC, 2012, p. 123 – 141.